

Estruturalismo linguístico: análise das dicotomias saussureanas aplicadas à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)

Cláudia Lúcia Alves¹

Orleane Evangelista de Santana²

Resumo

Este estudo dedutivo, bibliográfico, qualitativo, descritivo e exploratório apresenta uma abordagem do Estruturalismo Linguístico de Ferdinand de Saussure, e tem como objetivo principal fazer uma análise das dicotomias saussureanas aplicadas à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), o que possibilitará mais conhecimento sobre a estrutura desta língua. O método estruturalista parte do princípio de que, ao se conhecer a base estrutural que constitui um objeto ou fenômeno de estudo, torna-se possível compreender como o conhecimento se dá naquela área, resultando daí conhecimento científico. Saussure criou uma série de pares dicotômicos - língua/fala, sincronia/diacronia, sintagma/paradigma, significante/significado e arbitrariedade/motivação, os quais, na sua concepção, era a forma racional que o estudo linguístico deveria assumir. Este estudo buscará resposta para a seguinte questão norteadora: Em que medida o Estruturalismo Linguístico, no âmbito das dicotomias saussureanas, pode contribuir para a descrição da Língua Brasileira de Sinais contribuindo para a legitimidade desta língua? E tem como hipótese de trabalho, a crença de que é possível a descrição linguística da Libras a partir das dicotomias saussureanas, sendo que essa análise muito contribuirá para um melhor conhecimento desta língua, cujos estudos investigativos, exploratórios e explicativos ainda são muitos tímidos e incipientes. Logo, descrever a Libras, a partir das dicotomias as quais Saussure elegera como princípios inerentes a todas as línguas muito contribuirá para a ampliação da compreensão desta língua em seu plano teórico, o que é imprescindível para o seu desenvolvimento e reconhecimento, como língua natural, estando sujeita, assim como as demais, a todo e qualquer tipo de análise linguística.

Palavras-chave: Estruturalismo linguístico. Dicotomias saussureanas. Libras

Data de submissão: outubro. 2024 – Data de aceite: novembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16399>

¹ Possui graduação em Licenciatura Plena Em Matemática pela Universidade Federal do Piauí (2007), graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Evangélica do Piauí (2017), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Piauí (2014) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Piauí (2021). Atualmente é professora da Universidade Estadual da Região Tocantina do MA, Professora Permanente do PPGLe da Universidade Estadual da Região Tocantina do MA e Coordenadora do Núcleo de Acessibilidade Educacional da Universidade Estadual da Região Tocantina do MA. <http://lattes.cnpq.br/3846543596717075> E-mail: claudia.alves@uemasul.edu.br

² Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2009) e Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (2014). É pós-doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT. É professora de Língua Portuguesa e Linguística do Curso de Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras (CCHSL) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). <https://orcid.org/0000-0002-2216-460X> E-mail: orleanesantana@bol.com.br

Introdução

O Estruturalismo é um método científico que compreende a ciência a partir de uma base estrutural. No Século XX, ganhou amplo espaço nas ciências humanas e sociais: Psicologia, Linguística, Sociologia, Antropologia, Filosofia dentre outras. Esse método parte do princípio de que, ao se conhecer a base estrutural que constitui um objeto ou fenômeno de estudo, torna-se possível compreender como o conhecimento se dá naquela área, resultando daí conhecimento científico.

O linguista suíço Ferdinand de Saussure foi quem melhor definiu o método estruturalista no início do Século XX. Até então, os estudos linguísticos eram ainda assistemáticos: no Século XVII, o foco era a linguagem enquanto representação do pensamento, procurando mostrar que as línguas obedecem a princípios racionais e lógicos; já no Século XIX, os estudos baseavam-se exclusivamente na historicidade da composição linguística.

Para Saussure, as línguas naturais eram construídas a partir de *elementos estruturais básicos elementares, e sua compreensão deveria se dar de um ponto de vista síncronico e não diacrônico como vinha ocorrendo até então*. O pai da Linguística Moderna, como é conhecido, por ter conseguido conferir à Linguística o status de ciência, ao definir seu método e seu objeto de estudo, nunca utilizou as expressões estrutura ou estruturalismo; no lugar de estrutura, ele usava o termo *sistema*. A organização interna da língua que Saussure chama sistema, seus sucessores chamaram de estrutura.

Com o Estruturalismo os estudos linguísticos tornam-se mais profundos e abstratos, a língua passa a ser tratada como um sistema de valores estruturado e autônomo inerente a todas as línguas, seja o Inglês, o Português, a ASL, a Libras etc. O Estruturalismo procura valorizar a ideia de que cada elemento da língua só adquire um valor na medida em que se relaciona com o todo de que faz parte. Saussure necessitava de uma nova linguagem, uma linguagem unívoca, padronizada para se expressar. Sendo assim, criou uma série de pares dicotômicos, os quais, na sua concepção, era a forma racional que o estudo linguístico deveria assumir.

As dicotomias saussureanas são as seguintes: língua / fala, sincronia / diacronia, sintagma / paradigma, significante / significado e arbitrariedade / motivação. Considerando que a doutrina de Saussure é aplicável a todas as línguas naturais e, considerando que a Língua Brasileira de Sinais é uma língua natural, neste estudo nos propomos a descrever a estrutura da Libras à luz das dicotomias saussureanas.

Este estudo tentará responder à seguinte questão norteadora: Em que medida o Estruturalismo Linguístico, no âmbito das dicotomias saussureanas, pode contribuir para a descrição da Língua Brasileira de Sinais contribuindo para a legitimidade desta língua?

Como hipótese de trabalho, isto é, como resposta provisória à questão norteadora deste estudo, acreditamos que a descrição linguística da Libras a partir das dicotomias saussureanas é possível, e muito contribuirá para um melhor conhecimento desta língua, cujos estudos investigativos, exploratórios e explicativos ainda são muitos tímidos e incipientes.

A relevância social e científica deste estudo justifica-se a partir da necessidade de intensificação de estudos científicos que busquem descrever esta língua, uma vez que é língua natural, possui princípios e parâmetros sujeitos à observação, análise e descrição como as demais línguas humanas existentes, o que possibilitará a oportunidade de adentrar neste universo linguístico, ainda tão pouco explorado, com um olhar investigativo, objetivando realizar estudos científicos.

Descrever a Libras, a partir das dicotomias as quais Ferdinand de Saussure elegeu como princípios inerentes a todas as línguas, certamente contribuirá para a ampliação da compreensão desta língua em seu plano teórico, o que é imprescindível para o seu desenvolvimento e reconhecimento, como língua natural, estando sujeita, assim como as demais, a todo e qualquer tipo de análise linguística.

Sendo assim, o objetivo geral deste estudo é descrever a estrutura da Língua Brasileira de Sinais, à luz das dicotomias saussureanas: língua / fala, sincronia / diacronia, sintagma / paradigma, significante / significado e arbitrariedade / motivação. E os objetivos específicos são: (i) Produzir um arcabouço teórico fundamentado em Ferdinand de Saussure, o qual dará sustentação à descrição da Libras; (ii) Apresentar a análise descritiva que será feita como mais um instrumento comprobatório da legitimidade da Libras enquanto língua natural; e (iii) Comprovar que a compreensão da gramática da Libras, tanto para o ensino quanto para a aprendizagem, fica muito mais fácil quando se conhece e reconhece os elementos estruturais desta língua.

Neste estudo, usamos o método dedutivo como método de abordagem, e o Estruturalismo como método de procedimento. Quanto aos tipos, realizamos pesquisa bibliográfica, qualitativa, descritiva e exploratória, os quais – métodos e tipos de pesquisa – estão apresentados de forma mais detalhada na Seção 3 deste trabalho.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: Após a Introdução (Seção 1), abordamos no Referencial Teórico (Seção 2), sobre a legitimidade da Libras como língua, e a apresentação das dicotomias saussureanas. Na Seção 3, apresentamos o Percorso Metodológico que fundamentou cientificamente este estudo, e na Seção 4, apresentamos os Resultados e Discussões. Por fim, apresentamos as Considerações Finais as quais o estudo possibilitou a que se chegasse.

1 Referencial teórico

1.1 Libras é língua?

A sensação é de tentar esclarecer o óbvio, entretanto, é uma questão já resolvida somente para quem é professor ou faz pesquisa nesta área; para as demais pessoas, reconhecer a Libras como língua ainda é novidade e ainda causa surpresa.

Não adianta, é sempre a mesma coisa. Quando estamos em um evento que fala para quem está fora do meio da surdez, tudo é novidade mesmo! As pessoas ficam espantadas quando tomam conhecimento, e para quem está dentro da área o discurso é sempre a mesma coisa, fica esta coisa batida, e nós ficamos nos repetindo... (Gesser, 2009, p. 9).

Necessariamente esse discurso aparentemente repetitivo, precisa ser mesmo repetido para ganhar força e legitimar, para toda a sociedade ouvinte, que a Libras, ou qualquer outra língua de sinais, é língua sim de fato e de direito. E como toda língua natural, não é universal, possui variações, possui gramática própria com aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, sendo possível expressar ideias e conceitos concretos e abstratos.

Desse modo, essas características linguísticas legitimam a Libras de fato, e a Lei nº 10.436/2002 legitima a Libras de direito. Portanto, como língua social e legalmente instituída é passível de análise e descrição, logo é o que pretendemos fazer no estudo que aqui delineamos, submentendo-a às dicotomias saussureanas. Neste estudo, colocaremos sob análise descritiva a estrutura interna da Língua Brasileira de Sinais.

1.2 As dicotomias saussureanas

A doutrina de Saussure, inicialmente, consiste em organizar seu trabalho metodologicamente. Os linguistas até então tratavam de coisas diferentes com nomes iguais e vice-versa, como, por exemplo, o termo “língua” tinha acepções bem diferentes variando de significado de linguista para linguista. A ausência de uma terminologia adequada, precisa, objetiva, de alcance universal para os estudos linguísticos ainda não existia, e isso era imprescindível para que Saussure expressasse suas ideias. Então, ele tratou de criar uma linguagem unívoca, um padrão linguístico que pudesse ser usado universalmente por todos os estudiosos de línguas.

Saussure entende que “o fenômeno linguístico apresenta duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (Saussure, 2012, p. 15), isto é, elementos linguísticos que se completam, mas ao mesmo tempo estão em oposição. Assim, surgem as dicotomias saussureanas: língua / fala, sincronia / diacronia, sintagma /

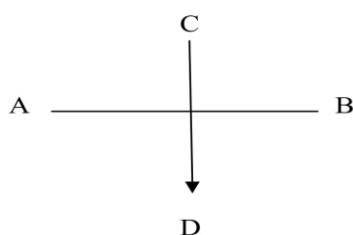
paradigma, significante / significado e arbitrariedade / motivação. A seguir explicaremos cada uma delas.

1.2.1 Língua / Fala

Na dicotomia Língua / Fala (*langue* / *parole*), “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (Saussure, 2012, p.16). A língua está na esfera social e a fala na esfera individual. Saussure afirma também que a língua é sistemática, homogênea e abstrata e passível de análise interna; enquanto a fala é assistemática, heterogênea e concreta. Logo, língua e fala estão em oposição. Ao definir o objeto de estudo da Linguística, Saussure considera apenas a língua, ou seja, aquilo que é interno, o sistema em si, tendo excluído a fala e seu uso.

1.2.2 Sincronia / Diacronia

Saussure é considerado o pai da Linguística moderna porque rompeu com os estudos linguísticos históricos-comparativos predominantes até o Século XIX. O foco passou a ser como as línguas se estruturam e não mais como as línguas evoluem. O que interessa é a língua em determinado estado e não mais a sua evolução histórica (Weedwood, 2002). No que tange à dicotomia Sincronia / Diacronia, Saussure (2012) esclareceu que a Linguística pode estudar uma língua tanto com um olhar Sincrônico, isto é, em um dado momento; quanto com um olhar Diacrônico, isto é, através do tempo. Assim, ele confere absoluta prioridade à pesquisa descritiva (sincrônica) em detrimento da pesquisa histórica (diacrônica).



Fonte: Carvalho, 1997, p. 71.

No esquema acima, proposto por Saussure (2012, p. 95), o eixo AB representa o eixo das simultaneidades (sincronia); e o eixo CD representa o eixo das sucessões (diacronia).

1.2.3 Sintagma / Paradigma

Para uma língua funcionar são necessários dois tipos de relações: relações paradigmáticas ou eixo de seleção, e relações sintagmáticas ou eixo de combinação. Esses dois eixos (seleção e combinação) se encontram na cadeia linguística.

Figura 1: Eixo paradigmático e eixo sintagmático.



Fonte: <https://www.conjur.com.br/2014>.

No âmbito do Sintagma / Paradigma, o eixo horizontal é o da realização concreta, o das relações “in praesentia” (sintagmáticas). O vertical é o do material disponível na mente do falante para escolha e cujas relações entre os elementos se realizam “in absentia” (paradigmáticas) (Saussure, 2001 *apud* Carvalho, 2002, p. 37).

1.2.4 Significante / Significado

O signo linguístico, isto é, toda palavra que possui um sentido, é o resultado de um significante mais um significado, “uma entidade psíquica de duas faces” (Saussure, 2012, p. 80). Consideremos como exemplo o signo “escola”, que tem como *significante* os sons (fonemas) que o constituem, e que tem com *significado* “lugar destinado ao ensino coletivo”. Na dicotomia Significante / Significado, os dois elementos - significante e significado - que constituem o signo, “estão intimamente unidos e um reclama o outro” (Saussure, 2012, p. 80), são interdependentes e inseparáveis.” Podemos designar, portanto, o significante como a parte perceptível do signo e o significado como sua contraparte inteligível (Carvalho, 2002).

1.2.5 Arbitrariedade / Motivação

Com relação à dicotomia Arbitrariedade / Motivação, para Saussure (2012) arbitrário

não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala, [porque] não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo linguístico; queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (Saussure, 2012, p. 83).

Embora defenda que o signo linguístico seja arbitrário, Saussure reconhece a possibilidade de existir signos motivados, ou seja, a existência de graus de motivação entre o significante e o significado, conforme se pode constatar na citação a seguir:

O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que é só relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: o signo pode ser relativamente motivado (Saussure, 2012, p. 152).

Desse modo, mantendo o seu raciocínio dicotômico, Saussure propõe a existência de um arbitrário absoluto (imotivado) e de um arbitrário relativo (motivado). É o que se pode observar, por exemplo, em *goiaba/goiabeira*. O signo *goiaba* sendo palavra primitiva é um exemplo de arbitrariedade absoluta ou imotivada. Já o signo *goiabeira* sendo uma palavra derivada de *goiaba* é um exemplo de arbitrariedade relativa ou motivada.

Neste estudo, mais especificamente na Seção 4, faremos uma análise descritiva da Libras à luz das dicotomias saussureanas apresentadas nesta seção.

2 Metodologia

Por se tratar de um estudo de caráter científico, para buscar respostas para a questão norteadora que deu causa ao estudo, adotamos procedimentos de leitura e interpretação de informações teóricas, as quais possibilitaram a construção do suporte teórico da pesquisa.

Quanto aos métodos, adotamos como método de abordagem, o método dedutivo, o qual proporciona as bases lógicas da investigação, uma vez que partindo do geral (dicotomias saussureanas aplicáveis a todas as línguas naturais) para o particular (uma língua específica sob análise, a Libras), confirmamos as hipóteses levantadas em relação ao objeto de investigação.

Já o método de procedimento utilizado, foi o método Estruturalista, já que fizemos descrição de cada um dos elementos que constitui a estrutura da Libras no âmbito das dicotomias saussureanas, para compreendermos melhor a língua na sua completude.

Quanto aos tipos de pesquisa, segundo as fontes de informação, realizamos

pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em material já elaborado constituído de livros e artigos científicos, de onde extraímos fundamentalmente as contribuições dos diversos autores sobre o tema em estudo.

Quanto à natureza dos dados, realizamos pesquisa qualitativa, haja vista buscarmos a compreensão do objeto de estudo por meio da interpretação dos dados levantados sem quantificá-los.

Quanto aos objetivos, realizamos pesquisa descritiva já que a partir da verificação das características inerentes a esta língua, tornou-se possível conhecer a sua estrutura subjacente, o que amplia o conhecimento a respeito dela. Realizamos também pesquisa exploratória, pois a partir dos elementos estruturais descritos, procuramos esclarecê-los com o objetivo de oferecer uma visão geral do tema, objeto desse estudo.

Desse modo é que estudamos o problema proposto, testamos a hipótese apresentada e, através do percurso metodológico traçado, atingimos os objetivos aos quais nos propusemos.

3 Análise das dicotomias saussureanas aplicadas à libras

Nesta seção, vamos descrever analiticamente a Língua Brasileira de Sinais à luz das dicotomias saussureanas já devidamente apresentadas na Seção anterior deste estudo. Saussure elegeu as dicotomias como princípios inerentes a todas as línguas. Como as línguas de sinais, entre elas a Libras, são línguas naturais, então tais princípios também são aplicáveis a elas, o que permitirá uma melhor compreensão da estrutura interna destas línguas.

Neste estudo, o nosso foco é a língua de sinais brasileira, uma língua ainda pouco estudada, por isso acreditamos que análise que a seguir será feita, contribuirá para o seu desenvolvimento e reconhecimento, pois ampliará a compreensão desta língua em seu plano teórico.

3.1 Língua / Fala na Libras

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, reconhecendo-a, em seu Art. 1º, como meio legal de comunicação e expressão (Brasil, 2002), isto é, como língua.

Na sequência, o Parágrafo Único esclarece que:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras, a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de

Isso posto, esse documento reconhece legal e politicamente a existência dessa língua; ademais, dá ótica do Estruturalismo linguístico, há outros aspectos que corroboram esse reconhecimento.

Vimos na Subseção 2.2.1 a dicotomia Língua / Fala (*langue* / *parole*), que está fundamentada na oposição social/individual. Segundo Saussure, “a linguagem tem um lado individual e outro lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (Saussure, 2012, p. 16). Assim, o que é fato da língua está no campo social, o que é fato da fala está no campo individual.

É possível depreender a língua a partir de 3 concepções: acervo linguístico, instituição social e realidade sistemática:

Como *acervo linguístico* é “o conjunto de hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender” (Saussure, 2012, p. 92) e “as associações ratificadas pelo consentimento coletivo, e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro” (Saussure, 2012, p. 23).

Como *instituição social*, a língua “não está completa em nenhum indivíduo, e só na massa ela existe de modo completo” (Saussure, 2012, p. 21), sendo, ao mesmo tempo, uma realidade psíquica e instituição social, ou seja, “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem, e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (Saussure, 2012, p. 17).

Como *realidade sistemática*, é “um sistema de signos que exprimem ideias”, é um código, um objeto de natureza homogênea (Saussure, 2012, p. 24). A fala, ao contrário da língua, é heterogênea, “é um ato individual de vontade e inteligência [...]” (Saussure, 2012, p. 22). Logo, a fala é a própria língua em ação.

Portanto, essas três concepções de língua e a concepção de fala são aplicáveis a qualquer língua existente, seja uma língua oral como o Português, seja uma língua de sinais como a Libras. De modo mais específico, a Língua Brasileira de Sinais permite uma pessoa surda compreender e fazer-se compreender seja com outro(s) surdo(s) ou com ouvinte(s), pois as associações de consentimento coletivo entre significante e significado estão no cérebro dos usuários, por isso é psíquica; mas as convenções linguísticas necessárias, já que é um sistema de signos, um código que possibilita a comunicação, são adotadas pelo corpo social, isto é, por todos que fazem parte da comunidade surda.

A Libras não se limita a uma ou outra pessoa, não é individual, ela nasceu e se desenvolveu no âmbito de um grupo social, sendo por isso uma instituição social. Como a fala é a própria língua em ação, cada integrante dessa comunidade surda comunicar-se-á por meio da Libras individualmente, conforme sua vontade e inteligência, isto é, conforme o conhecimento que possui acerca dessa língua: Se o conhecimento do usuário sobre a

Libras for limitado, a comunicação será limitada; porém, se for fluente, a comunicação será fluente. Não se pode limitar o entendimento do que é *Fala* apenas aos sons produzidos pelas línguas orais ou aos sinais produzidos pelas línguas de sinais. A *Fala* é a língua em uso, é a expressão do pensamento seja por meios de fonemas, grafemas ou sinais.

3.2 Sincronia / Diacronia na Libras

No início do Século XX, com Saussure, o foco dos estudos linguísticos passou a ser como as línguas se estruturam em determinado estado da sua existência (Sincronia), e não mais como as línguas evoluem historicamente (Diacronia). Podemos estudar qualquer língua, dependendo do objetivo que se tenha, tanto pelo eixo sincrônico quanto pelo eixo diacrônico.

Em se tratando da Libras sob o olhar sincrônico, consideramos como ela está atualmente, ou consideramos algum momento específico desde o seu surgimento. Se a analisarmos sob o olhar diacrônico, consideramos o que ocorreu em todos os estados de sua existência, desde o surgimento até a atualidade. Necessário esclarecer que ao falante, que a usa como instrumento diário de comunicação, interessa apenas como essa língua se apresenta no período de vida desse falante. Já ao pesquisador interessa estudá-la ou sincronicamente ou diacronicamente, conforme seus objetivos.

Os estudos linguísticos diacrônicos já permitiram constatar que as línguas mudam naturalmente, que as mudanças não são intencionais e que as línguas mudam por razões internas à própria língua, como também razões externas, embora essas mudanças externas não sejam o foco deste trabalho.

Ernest Huet, professor francês trazido por D. Pedro II em 1855, foi o pioneiro no Brasil para a educação de surdos. “O trabalho de Huet permitiu que uma língua de sinais própria de nosso país fosse desenvolvida, e a atual Libras surgiu mediante a junção de sinais da língua francesa com sinais utilizados pelo abade L’Épée” (Mundo Educação, 2023).

Uma das principais conquistas da comunidade surda foi a Lei nº 10.436/2002, já mencionada anteriormente, que determinou o reconhecimento da Libras como língua. No entanto, o fato de ter apenas duas décadas de idade, a Libras necessita ser mais estudada tanto sincrônica quanto diacronicamente. Encontra-se uma quantidade relativamente boa de pesquisas com abordagem sincrônica da Libras; entretanto, há uma enorme lacuna de estudos diacrônicos que registrem as transformações pelas quais tem passado essa língua, não somente de quando a Lei 10.436/2002 foi sancionada até o momento atual, mas desde quando a língua francesa, sua mãe, chegou ao Brasil. Encontra-se também vários estudos sobre a história da Libras, porém, descrição diacrônica que registre as transformações pelas quais essa língua tem passado ao longo do tempo, a comunidade surda ainda está a

esperar.

3.3 Sintagma / Paradigma na Libras

Conforme já dito na Seção 2.3, no âmbito da Sincronia, para uma língua funcionar são necessários dois eixos se encontrarem na cadeia linguística: o eixo de combinação, que permite as relações sintagmáticas, representado por uma linha horizontal; e o eixo de seleção, o qual permite as relações paradigmáticas, sendo representado por uma linha vertical.

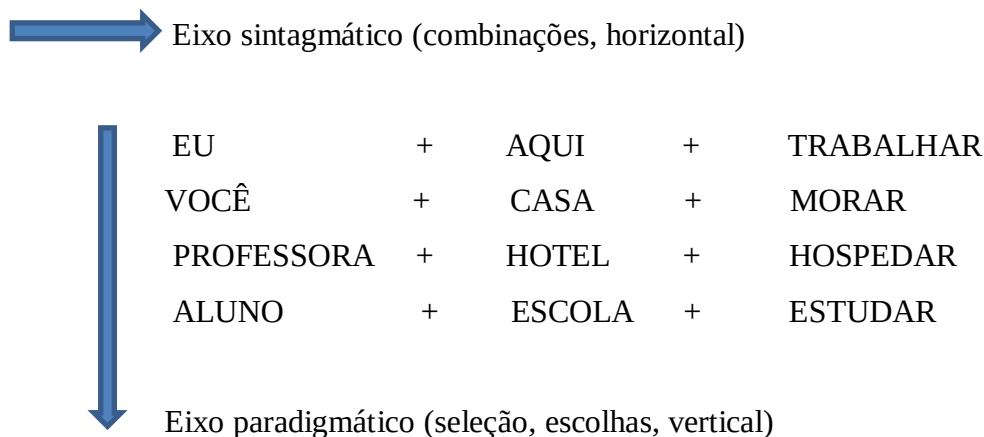
A língua é formada por uma sucessão de elementos que, na cadeia da fala, organizam-se de modo linear, um após o outro. Essa linearidade do signo linguístico “exclui a possibilidade de [se] pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (Saussure, 2012, 142). É desse modo que se dão as relações sintagmáticas. Por exemplo: “Em *Hoje fez calor* não podemos pronunciar *je* antes de *ho*, nem *ho* ao mesmo tempo que *je*; *lor* antes de *ca* ou *ca* simultaneamente com *lor* é impossível” (Castelar, 1997, p. 86). Na Libras, tomemos como exemplo de relação sintagmática o sinal de ESCOLA, que é um sinal composto, produzido a partir dos sinais CASA + ESTUDAR. O sinal de ESCOLA, ao ser produzido, deve seguir a sequência linear CASA + ESTUDAR, não sendo possível inverter a ordem para ESTUDAR + CASA.

O Princípio da Linearidade (relações sintagmáticas), específico do significante, é uma característica primordial das línguas orais; entretanto, na Libras, o referido princípio não é tão regular. No exemplo ESCOLA apresentado acima, vê-se a necessidade da linearidade; porém, há muitos sinais dessa língua em que esse princípio é rompido. Assim, na produção de signos linguísticos sinalizados, vê-se que em alguns sinais ocorrem a linearidade do significante, mas, na maioria dos sinais, o que ocorre é um rompimento da linearidade, dando lugar à simultaneidade, ou seja, os vários Parâmetros¹, que representam o significante do sinal, ocorrem simultaneamente.

No sinal de ESTUDAR, pode-se observar quatro Parâmetros (Configuração de mão, Movimento, Locação e Orientação) ocorrendo simultaneamente durante a produção desse sinal. Portanto, a simultaneidade e não a linearidade, é o Princípio de organização das línguas de sinais (Stokoe, 1960). Contrariamente às ideias de Stokoe (1960), Liddell (1984) *apud* Xavier (2006) evidencia que em um sentido mais específico, a simultaneidade é o princípio organizador da estrutura de cada segmento, e, em um sentido mais amplo, a sequencialidade é o princípio organizador da estrutura interna de cada sinal, uma vez que pode existir mais de um segmento em um sinal, por exemplo (Xavier, 2006).

Além das relações sintagmáticas ora apresentadas, é possível também estabelecer outros tipos de relações entre os signos chamadas de associativas ou paradigmáticas, que ocorrem quando os termos não estão presentes na fala, mas na memória do falante. Os

signos que têm algo em comum seja no significado ou no significante, associam-se e formam grupos na memória do falante. “Em *Hoje fez calor*, dizemos *hoje* pensando opô-lo ao advérbio *ontem*, ou *fez* em oposição a *faz*, e *calor* a *frio* [...]” (Carvalho, 1997, p. 87). Na Libras, vejamos um exemplo de relação paradigmática:



Fonte: As autoras.

¹ Os cinco Parâmetros da Libras que representam o Significante dessa língua são: Configuração de Mão (CM): são as diferentes formas em que uma ou ambas as mãos podem ter para executar o sinal; Ponto de Articulação (PA): ponto (cabeça, peito, braços, espaço neutro) que o sinal deverá ser feito; Movimento (M): para cima, para baixo, para um lado para o outro ou sem movimento; Orientação (O): posição da palma da mão para frente, para trás, para cima, para baixo; e Expressões Faciais e Corporais (EFC): permitem demonstrar aos surdos as mais variadas emoções.

Dentro desse conjunto de signos linguísticos, podemos fazer as escolhas no eixo vertical e as combinações dos elementos no eixo horizontal, por exemplo: PROFESSORA + ESCOLA + TRABALHAR, ocorreu uma seleção e uma combinação do uso da língua e formação da fala.

3.4 Significante / Significado na Libras

Conforme visto na Subseção 2.2.4, o signo linguístico é o resultado de um significado (ideia, conceito, imagem conceitual) mais um significante (sons/imagem acústica ou sinais/ imagem visual). É isso mesmo! Necessário incluir sinais ou imagem visual (considerando todos os parâmetros necessários na sua produção) na concepção de significante em referência aqui às línguas de sinais, dentre elas, a Libras. Faz-se necessário compreender que o significante e o significado, “os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação” (Saussure, 2012, p. 106).

Na Língua Portuguesa, os signos linguísticos são as palavras; na Libras, os signos linguísticos são os sinais. Do mesmo modo que na Língua Portuguesa as palavras permitem a interação comunicativa entre os falantes; na Libras, os sinais tem a mesma

finalidade. Logo, os sinais, assim como às palavras, possuem também um significante e um significado, e são eles que constituem o sistema linguístico da Libras e das demais línguas de sinais existentes.

Quando Saussure pensou o signo linguístico como a associação de um significante (imagem acústica) a um significado (imagem conceitual), as línguas de sinais ainda não tinham adquirido esse status. As reflexões de Saussure levaram em consideração somente as línguas orais, por isso as expressões “imagem acústica” para o significante e “imagem conceitual” para o significado representaram bem o que ele queria demonstrar. Entretanto, a expressão “imagem acústica”, ideal para representar o significante nas línguas orais, não se mostra adequada nas línguas de sinais. Por se tratar de línguas sinalizadas, a imagem não é acústica, mas sim uma imagem visual. Portanto, para Cardoso (2020), faz-se necessário adequação terminológica, na concepção de significante, quando se trata de línguas de sinais. Cardoso (2020), em sua dissertação de mestrado, defende a terminologia “imagem gestual”; entretanto, somente entraremos na discussão se a Libras é ou não uma língua gestual em trabalho futuro.

Para uma melhor compreensão, vejamos um exemplo: Consideremos o signo linguístico APRENDER. Como todo signo linguístico, ele é constituído por duas faces inseparáveis, o significante e o significado, ambas impressões psíquicas na mente do falante. Em Língua Portuguesa, seu significante são os fonemas que o constituem /a/p/r/ẽ/d/e/R/, e que estão no cérebro do falante, por isso imagem acústica; já seu significado é “adquirir conhecimentos”, e também está na mente do falante. Em Libras, seu significante é a materialização do sinal de APRENDER a partir de Parâmetros linguísticos dessa língua contidos na mente do usuário; já o seu significado, considerando que a Libras é a Língua Brasileira de Sinais, é o mesmo significado da Língua Portuguesa, isto é, “adquirir conhecimentos”.

3.5 Arbitrariedade / Motivação na Libras

Conforme visto na Seção 2.2.5, a Arbitrariedade e a Motivação são duas características do signo linguístico, as quais Saussure, para explicá-las, também fez uso da sua “mania dicotômica”.

Saussure (2012, p. 108) afirmou que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário”. Isso significa que não existe nenhuma justificativa, nenhuma motivação que associe o significante ao significado.

Mesmo considerando o signo linguístico como arbitrário, Saussure reconhece a existência de graus de motivação entre o significante e o significado, isto, reconhece a

possibilidade de existir signos motivados, por essa razão propõe a existência de um arbitrário absoluto (imotivado) e de um arbitrário relativo (motivado).

Na Libras, há sinais arbitrários, aqueles que não possuem nenhuma semelhança com a realidade que representam, e sinais motivados ou icônicos, aqueles que fazem referência a essa realidade (Cardoso, 2020). São exemplos de sinais arbitrários CONVERSAR, PESSOA, PERDOAR, e de sinais icônicos CASA, BORBOLETA e TELEFONE.

Considerações finais

Dado o exposto, vimos ao longo deste estudo que Saussure descreve a língua como um sistema de valores, de modo que o valor de cada unidade linguística é atribuído a partir das diferenças que uma unidade apresenta em relação às demais unidades do sistema, sobretudo aquela com que faz oposição. Vimos que as unidades linguísticas estabelecem relações sintagmáticas (combinatórias) e paradigmáticas (associativas), linearmente ou, no caso da Libras, na maioria dos sinais, simultaneamente. Também foi possível mostrar a diferença entre língua e fala, como o signo linguístico relaciona suas duas faces indissociáveis - o significante e o significado - de modo arbitrário ou motivado e, por fim, as duas abordagens - sincrônica e diacrônica - de como uma língua pode ser estudada.

Este estudo vem mostrar que as dicotomias saussureanas também são aplicáveis às línguas de sinais, dentre elas a Libras, já que a estrutura dessas línguas são passíveis de estudo por meio do método Estruturalista. No decorrer desta exposição, além de apresentar cada uma das dicotomias, realizamos análise para evidenciar como se manifestam na Língua Brasileira de Sinais.

Portanto, a análise descritiva da Libras à luz das dicotomias saussureanas, aqui realizada, permitiu responder a questão norteadora e confirmar a hipótese deste estudo, evidenciando como essas dicotomias possibilitam melhor e maior compreensão e conhecimento da base estrutural dessa língua como um sistema de valores, conferindo-lhe legitimidade.

Os objetivos traçados - tanto o geral quanto os específicos - foram alcançados. A análise descritiva que fizemos da estrutura da Libras à luz das dicotomias saussureanas: língua / fala, sincronia / diacronia, sintagma / paradigma, significante / significado e arbitrariedade / motivação, apresenta-se como um arcabouço teórico consistente que legitima a Libras como língua natural, e um sistema constituído de signos.

Defendemos que esse arcabouço teórico deva fazer parte da bagagem de conhecimentos de qualquer profissional que trabalhe com a Língua Brasileira de Sinais, seja professor, intérprete ou tradutor. De posse desse construto teórico, certamente o trabalho com essa língua tornar-se-á bem mais consistente e eficaz.

Desse modo, confirmamos a relevância social e científica deste trabalho, que trouxe contribuições para a área do conhecimento no qual está inserido, mas que não a esgota, podendo ser uma fonte de pesquisa para outros estudos futuros.

Linguistic structuralism: analysis of Saussurean dichotomies applied to Brazilian Sign Language (LIBRAS)

Abstract

This inductive, bibliographical, qualitative, descriptive, and exploratory study presents an approach to Ferdinand de Saussure's Linguistic Structuralism and aims to analyze Saussurean dichotomies applied to Brazilian Sign Language (LIBRAS), which will provide a deeper understanding of the structure of this language. The structuralist method starts from the premise that by understanding the structural basis that constitutes an object or phenomenon of study, it becomes possible to comprehend how knowledge is formed in that area, resulting in scientific knowledge. Saussure created a series of dichotomous pairs - langue/parole, synchrony/diachrony, syntagm/paradigma, signifier/signified and arbitrariness/motivation, which, in his conception, represented the rational form linguistic study should take. This study will seek answers to the following guiding question: To what extent can Linguistic Structuralism, within the framework of Saussurean dichotomies, contribute to describing Brazilian Sign Language and thus contribute to its legitimacy? The working hypothesis is the belief that a linguistic description of Libras can be achieved through Saussurean dichotomies, and such analysis will greatly enhance our understanding of this language, which is still the subject of limited and incipient investigative, exploratory, and explanatory studies. Therefore, describing Libras based on the dichotomies Saussure identified as inherent principles in all languages will significantly expand our comprehension of this language on a theoretical level, which is essential for its development and recognition as a natural language, subject, like all others, to various types of linguistic analysis.

Keywords: Linguistic structuralism. Saussurean dichotomies. Libras

Referências

- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil/03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 26 out. 2018.
- CARDOSO, S. A. **A dimensão significativa da Libras:** observações terminológicas. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- CARVALHO, C. de. **Para compreender Saussure.** 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2002.
- FIORIN, J. L. Org. **Introdução à linguística I:** objetos teóricos. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- FIORIN, J. L. Org. **Introdução à linguística II:** princípios de análise. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.
- MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Quando surgiu a língua brasileira de sinais?** Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/educacao/lingua-brasileira-de-sinais-libras.htm#:~:text=O%20trabalho%20de%20Huet%20permitiu,o%20come%C3%A7o%20do%20s%C3%A9culo%20XX>. Acesso em 5 de novembro de 2023.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Org. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Org. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 2. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, E. P. **O que é linguística**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2013.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

STOKOE, William C. **Sign language structure**. Reedição. Silver Spring, Maryland: Linstok Press, 1960.

WEEDWOOD, B. **História concisa da Linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

XAVIER, André Nogueira. **Descrição Fonético-Fonológica dos Sinais da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.